



DOI: <https://doi.org/10.59488/tragica.v17i3.66421>

# Revista Trágica

Volume 17 - Número 03 ISSN 1982-5870

---

## Tosquelles e Guattari: da Práxis ao Conceito

*Tosquelles and Guattari: from Praxis to Concept*

Rodrigo Guéron  

Professor Associado do Instituto de Artes do Programa de Pós-Graduação em Artes e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
Contato: [rodrigogueron@gmail.com](mailto:rodrigogueron@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo pretende examinar como alguns conceitos operados por Francesc Tosquelles e Félix Guattari surgem a partir das práxis desses autores, inicialmente em instituições de saúde mental. A investigação chega em Tosquelles a partir de Guattari para mostrar como este último herda do seu colega catalão a práxis, o conceito e a concepção de *psicoterapia institucional*, ou de *análise institucional*. Esse conceito aparece no âmbito da crítica ao hospital psiquiátrico identificado como uma instituição legitimadora do capitalismo e corresponsável pelos sofrimentos psíquicos que, no diagnóstico de Tosquelles, seriam causados por essa forma de organização social da produção. O mais importante, no entanto, será a forma como Félix Guattari propõe que a *análise institucional* seja levada para diversas instituições e não apenas as de saúde mental. Será nesse contexto que aparecerão as práticas e os conceitos de *transversalidade* e de *molecular*, num percurso onde são evocados autores como Karl Marx, Franz Kafka, Franz Fanon e Gilles Deleuze. Veremos, assim, a práxis e a criação de conceitos acontecendo no enfrentamento dos sofrimentos psíquicos e de patologias produzidas no coração da máquina social capitalista, e como uma característica desta.

**Palavras-chave:** Tosquelles e Guattari, capitalismo e sofrimento psíquico, análise institucional, transversalidade, molecular.

**Abstract:** This article explores how certain concepts articulated by Francesc Tosquelles and Felix Guattari emerge from their praxis, initially within mental health institutions. The investigation approaches Tosquelles through Guattari to demonstrate how the latter inherits the praxis, concepts, and understanding of institutional psychotherapy, or institutional analysis, from his Catalan colleague. This concept critiques the psychiatric hospital as an institution that legitimizes capitalism and plays a role in the psychic suffering that Tosquelles identifies as stemming from this particular social organization of production. More importantly, Felix Guattari suggests that institutional analysis should extend beyond mental health settings to various types of institutions. In this context, the concepts of *transversality* and *molecular* are introduced. The discussion also references influential figures such as Karl Marx, Franz Kafka, Franz Fanon, and Gilles Deleuze, in an articulation where praxis and development of concepts emerge as they address psychic suffering and pathologies arising from the heart of the capitalist social machine, and as one of its characteristics.

**Keywords:** Tosquelles and Guattari, capitalism and psychic suffering, institutional analysis, transversality, molecular.

## Introdução

Este artigo começou a ser escrito quando fui convidado para falar no lançamento da mais recente edição do célebre livro de Félix Guattari, *A Revolução Molecular*<sup>1</sup> (1980). O livro foi publicado dessa vez pela Editora Ubu, em uma nova versão e reunião de textos feitos pela Professora Larissa Drigo, que também escreveu o prefácio dessa edição. Foi a própria Larissa quem me fez o convite para um simpático evento que reuniu na Casa Jangada, no Rio de Janeiro, o Professor Vladimir Safatle, o Professor Julien Palota além de, evidentemente, eu mesmo e a própria Larissa.

A Casa Jangada, localizada em uma das casas que sobrevive à especulação imobiliária que grassa pela cidade do Rio de Janeiro, numa simpática travessa no limite entre os bairros de Humaitá e Botafogo, abriga um coletivo de profissionais ligados à saúde mental para atividades de clínica, pesquisa, criação e intervenção política. Logo ao chegar, encontramos uma sala lotada com cerca de quarenta pessoas espalhadas por umas poucas cadeiras e poltronas, sentadas no chão, em pé no pátio e até assistindo na janela desde a rua. Isso produziu uma saudável quebra no formato auditório, ou seja, uma quebra na configuração de um evento acadêmico mais ou menos convencional. Dessa forma, perdeu o sentido fazer qualquer tipo de exposição mais longa: cada um dos convidados falou por cerca de 10 ou 15 minutos, e então passamos para um animado e instigante debate. A fala preparada, que evidentemente apareceu em partes das minhas intervenções, já estava mais ou menos próxima da forma de um artigo, resolvi então revê-la e ampliá-la com vistas a uma publicação.

A questão central que me moveu, quando reli alguns textos d'*A Revolução Molecular* para preparar minha apresentação, foi a de tentar entender melhor a forma peculiar como Guattari forja conceitos e noções a partir de uma *práxis*, e como esses acabam por retornar ao campo da *práxis* em um nível e em uma maneira de ação que, de alguma forma, expressam o sentido do campo molecular. Mas antes de chegar ao conceito de *molecular*, precisei passar pelos conceitos de *psicoterapia institucional* ou *análise institucional*, assim como o de *transversalidade*, sempre nessa lógica de buscar a gênese dos conceitos em uma prática. Percorrendo a história mais ou menos a contrapelo, chegamos então a uma espécie de trajetória nas quais as *práxis* clínicas e políticas, absolutamente articuladas e com um notável campo de interseção entre elas, demandaram produções de conceitos e noções que engendraram novas *práxis*, novas problematizações e, conseqüentemente, novos conceitos. Esse percurso nos levou então até Francesc Tosquelles, onde encontramos um precursor das práticas clínicas e políticas de Guattari, tanto no seu modo de articular *práxis*, identificação de problemas e produção de conceitos, quanto na problematização das instituições de saúde mental e no modo de compreender os sofrimentos psíquicos, as assim chamadas “patologias” e a própria concepção de “loucura”.

Tosquelles ganhou então um papel importante nesse texto, uma vez que é dele que Guattari vai herdar a prática da psicoterapia institucional, que colocou as instituições de saúde mental, o hospital psiquiátrico e a própria medicina em questão. Guattari traz de

---

<sup>1</sup> GUATTARI, Félix. *A Revolução Molecular*. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

seu antecessor o modo como ele concebeu e construiu uma forma de análise de grupo, que coloca as instituições de saúde mental, o hospital psiquiátrico e a própria medicina em questão. Para Tosquelles, psiquiatra marxista e, digamos assim, criticamente freudiano, essa operação era imprescindível para enfrentar o próprio sofrimento psíquico, incluindo os sintomas identificados como patologias. Mas o que nos interessa aqui não é tanto o modo como Guattari praticou ele mesmo a psicoterapia institucional enquanto profissional e militante da área de saúde mental, e sim como ele propôs que se trouxesse essa prática para toda e qualquer instituição, para além das instituições psiquiátricas e de saúde em geral.

Na verdade, é principalmente sobre esse aspecto que posso me concentrar, uma vez que este não é um texto escrito por um profissional do campo da saúde mental. Assim, a partir das práticas e do pensamento de Tosquelles, Guattari percebe que o que deveria também ser colocado em análise seriam, por exemplo, as instituições de Estado, as organizações políticas como partidos e sindicatos, as escolas e universidades, os movimentos artísticos e o sistema de arte, o lugar institucional das profissões e das funções sociais em geral, a família com sua distribuição de poderes e tarefas, e por fim o próprio indivíduo, visto também como uma instituição. Profissional de saúde mental e ativista político como Tosquelles, Guattari<sup>2</sup>, ao propor a ampliação e o aprofundamento da psicoterapia institucional para toda e qualquer instituição, estava interessado naquilo que as determinava como formações de poder típicas da máquina social capitalista. De uma forma geral, vou preferir chamar esse procedimento de *análise institucional*, ainda que em muitos textos as duas variações do conceito se alternem para dizer mais ou menos mesma coisa: *análise institucional* e *psicoterapia institucional*.

Ao mesmo tempo, não parece menos importante que Guattari tenha trazido, para diversas instituições, um procedimento surgido da problematização do hospital psiquiátrico no coração de um processo revolucionário de forte contestação ao capitalismo, como o da guerra civil espanhola. Talvez diga muito sobre o capitalismo, ou pelo menos diga alguma coisa decisiva sobre ele, que o procedimento clínico e político que Guattari propunha, de generalizar todas, ou quase todas as suas instituições, tenha surgido da crítica a uma instituição que deveria tratar do sofrimento psíquico das pessoas, mas que, se não fosse colocada ela mesma em psicoterapia ou análise, não só não poderia exercer essa função, como seguiria sendo agente desse sofrimento, como percebera Tosquelles.

---

<sup>2</sup> Guattari não tinha formação em psiquiatria como Tosquelles, mas construiu uma sólida formação psicanalítica e uma longa experiência em instituições de saúde mental até chegar a construir a sua importante crítica à psicanálise e propor o que chamou de *esquizoanálise*. Durante mais de uma década ele frequentou os seminários de Jacques Lacan, de quem foi analisando e colaborador. Francesc Tosquelles, Jean Oury e Gilles Deleuze estiveram com ele nesses seminários. Assim como Tosquelles, e mesmo sendo crítico de Freud, Guattari reclamava a importância da participação dos psicanalistas nas instituições de saúde mental, e chegava a se indignar com os psicanalistas franceses pelo fato de um número muito reduzido destes se disponibilizarem a esse trabalho.

## Francesc Tosquelles

Encontrar Tosquelles é encontrar também uma contingência histórica, uma vez que nos deparamos com um psiquiatra que recebeu uma importante influência de Freud e da psicanálise, mas que também foi um marxista e ativista político em meio a um processo revolucionário e a uma reação fascista militar organizada, que desencadeou uma sanguinária guerra civil: a Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

Tosquelles era militante do Partido Operário de Unificação Marxista (POUM) e partiu para o front em 1936, onde dirigiu hospitais e serviços de saúde em geral que atendiam não apenas os soldados, mas também a população civil. O esquizoanalista e pesquisador Anderson Santos destaca que foi nesse contexto que ele conseguiu organizar, segundo suas ideias, o Hospital Central de Almodóvar, isto é, antes mesmo da conhecida experiência de Saint Alban:

Em suas equipes, tanto em Almodóvar quanto mais tarde em Sepetfonds, Tosquelles valorizava a participação de pessoas comuns na criação de serviços psiquiátricos de qualidade, como camponeses, padres, prostitutas, pintores e advogados, pois os médicos especialistas eram um obstáculo a qualquer projeto revolucionário: por um lado, exerciam poder sobre os pacientes tratando-os como objetos e não como pessoas, e, por outro, possuíam uma visão pequeno-burguesa do mundo.<sup>3</sup>

De fato, foi Tosquelles quem colocou, em plena Guerra Civil Espanhola, o problema da saúde mental, da psiquiatria e da “loucura” a partir de uma perspectiva política, deixando claro que não seria possível analisar o indivíduo, seus sofrimentos psíquicos e suas ditas patologias mentais sem que as instituições de saúde mental, e mais particularmente os hospitais psiquiátricos, fossem colocados em questão. Seria correto dizer que a questão do hospital psiquiátrico surge como parte do próprio processo revolucionário vivido na Espanha, ao mesmo tempo a partir dele e contribuindo para ele. Observemos estas palavras de Tosquelles:

A guerra civil comporta uma mudança de perspectiva sobre o mundo. Geralmente os médicos têm na cabeça a estabilidade de um mundo burguês. São pequenos ou grandes burgueses que querem viver sozinhos, ganhar dinheiro e ser sábios. No entanto, numa guerra civil como a nossa, o médico tinha que aceitar uma mudança de perspectiva sobre o mundo, aceitar que fossem os clientes que determinasse sua clientela e que ele não era onipotente. Portanto, ocupei-me da psicoterapia daqueles homens normais para evitar a crise. Não se pode fazer psicoterapia num setor mantendo uma ideologia burguesa e individualista. Um bom cidadão é incapaz de fazer psiquiatria. A psiquiatria comporta uma anticultura, ou seja, uma cultura diferente daquela do sujeito.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> SANTOS, Anderson. “Caminhar com François Tosquelles”. In: SANTOS, Anderson (org.). *François Tosquelles. Uma política da loucura e outros textos*. São Paulo: Ubu Editora, 2024, p. 19.

<sup>4</sup> TOSQUELLES, Francesc. “Uma Política da Loucura”. In: SANTOS, Anderson (org.). *François Tosquelles. Uma política da loucura e outros textos*. São Paulo: Ubu Editora, 2024, pp. 58, 59.

De início, portanto, Tosquelles traz essa proposta de colocar a instituição em um processo psicoterapêutico. É nesse sentido que Marx é um autor decisivo para o psiquiatra catalão, numa operação teórica e prática que implica Marx em Freud e vice-versa. Assim, Tosquelles entende o hospital psiquiátrico como a produção de uma determinada forma de organização social da produção, qual seja, a organização capitalista, na qual uma determinada classe, a burguesia, controla a produção e a extração de vida. Como vimos na citação acima, o autor propõe uma prática da psiquiatria que deveria comportar uma “anticultura” que rompesse com a “estabilidade do mundo burguês” do médico. Assim, deveria ser antes o próprio médico que deveria – ou que também deveria – ser colocado em uma atividade psicoterapêutica e, junto a ele, os demais profissionais da instituição. Evidentemente, aqueles identificados como pacientes também deveriam entrar em psicoterapia, mas esta também seria “institucional”, isto é, o lugar social deles, a família, a posição no local de trabalho entrariam invariavelmente nesse processo.

É como se Tosquelles, em seu processo revolucionário, identificasse um sistema a ser destruído nos ideais burgueses de homem bom representados na própria instituição do médico em geral e do psiquiatra em particular, figura que teria um papel ativo na produção de sofrimento psíquico. Essa observação fica ainda mais evidente no modo inusitado como o psiquiatra observa a queda vertiginosa, e mesmo o quase desaparecimento, de algumas patologias psíquicas em meio à guerra civil espanhola.

A guerra civil, diferentemente da guerra entre nações, está relacionada com a não homogeneidade do eu. Cada um de nós é feito de pedaços contrapostos, como uniões paradoxais e desuniões. A personalidade não é um bloco; se fosse, seria uma estátua. É preciso registrar uma coisa paradoxal: a guerra não produz novos doentes. Ao contrário! Durante a guerra existem muito menos neuroses e existem até psicoses que se curam [...].<sup>5</sup>

Se observarmos a citação acima e a relacionarmos com a anterior, veremos que para Tosquelles há uma espécie de fragmentação do eu graças à guerra civil espanhola e, portanto, também graças ao processo revolucionário que levou a essa guerra que, por sua vez e curiosamente, pareceu ao psiquiatra profícuo do ponto de vista da saúde mental. É como se a quebra e o deslocamento dos lugares e funções sociais pré-determinadas, que é também uma quebra de estruturas de poder, embaralhasse o que ele compreendia como uma *homogeneidade do eu*, aparentemente predominante nos momentos de estabilidade do capitalismo. No entanto, Tosquelles afirma acima literalmente que o *eu* não é, de fato, homogêneo, e sim “feito de pedaços contrapostos, como uniões paradoxais e desuniões”. Assim, de alguma forma, ele parece dizer que a quebra dessa homogeneidade do eu ajudou a produzir uma espécie de saúde ou, no mínimo, uma diminuição dos sofrimentos, visto que certas doenças teriam diminuído ou até desaparecido durante a guerra civil.

---

<sup>5</sup> Ibidem, p. 58.

Será essa quebra da homogeneidade do eu que nos vai levar a Guattari e, mais particularmente, a um texto de 1962/63 publicado no livro *Psicanálise e transversalidade* em que afirma que o acesso direto ao indivíduo ou não é possível, ou é enganoso.<sup>6</sup> O indivíduo isolado é uma produção das instituições e, grosso modo, a construção do indivíduo é uma ação decisiva para a constituição da máquina social capitalista. O isolamento do indivíduo, diz o autor ainda nesse texto, impediria o acesso ao que ele descreve como “os desejos mais fundamentais”. É como se as instituições, ao produzir e isolar o indivíduo, estivessem agindo em uma tentativa de fechá-lo na homogeneidade do eu que vimos Tosquelles mencionar, contribuindo decisivamente para construí-lo dessa forma e bloqueando o acesso dele e daqueles que com ele se relacionam à multiplicidade que o constitui.

Ainda que chame a atenção o fato de Guattari ter usado nesse caso a expressão “desejos fundamentais” em vez de “inconsciente”, a noção de psicoterapia ou análise institucional que ele herda de Tosquelles parece trazer consigo a proposta de uma ação que nos conduz até o inconsciente. Mas se trata de um inconsciente que é concebido, por Guattari (especialmente depois de seu encontro com Deleuze), como uma instância produtiva, ou seja, uma “fábrica do desejo”<sup>7</sup>, e não um teatro e uma instância onde se esconderia um drama familiar com seus “segredinhos sujos”. Nesse sentido, essa operação não seria a de uma “interpretação”, e sim de liberação de possibilidades produtivas, o que, de alguma maneira, já parecia estar na proposta de psicoterapia institucional de Tosquelles. Observemos que estou empregando aqui uma expressão que soa como bastante típica do marxismo: *liberar as forças produtivas*. E de fato é uma possibilidade como essa que Guattari vê na análise institucional, que em seguida o conduzirá à proposta da *transversalidade* e, mais adiante, à própria *esquizoanálise*. Mas, aqui, a questão da “homogeneidade do eu” sugerida por Tosquelles parece ser importante para a maneira como Guattari, junto com Deleuze, concebe a relação direta entre desejo e *socius*. Destaco isso porque quando falamos em uma liberação do desejo, ou seja, a liberação das possibilidades produtivas deste, é importante que ela seja compreendida como a liberação de uma força social, uma força que se constitui socialmente como uma possibilidade de criação e transformação. Trata-se de uma força que pode se manifestar em um processo de singularização que se expressa em um indivíduo ou em grupos sociais, mas de forma alguma o desejo produtivo deve ser entendido, a partir dos três autores que estamos citando neste parágrafo, como uma característica do indivíduo. Voltaremos a esse tema mais ao final deste texto, quando examinarmos mais uma vez a importância da desindividuação tanto para Tosquelles quanto para Guattari.

Por enquanto, examinemos ainda um pouco mais o conceito-operador e, portanto, a práxis da análise institucional. Parece claro que ela surge da constatação de que as instituições produzem uma forma de alienação. Como Guattari, já não nos referimos somente às instituições de saúde mental, mas a todas as instituições-chave da

<sup>6</sup> GUATTARI, Félix. “Introduction à la Psychothérapie institutionnelle”. In: *Psychanalyse et Transversalité*. Paris: La Découverte, 2003, p. 40.

<sup>7</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia 1*. São Paulo, Editora 34, 2010, pp. 41 e 79.

máquina social capitalista. É nítida a importância da conhecida reflexão de Marx sobre o *trabalho alienado* que encontramos nos Manuscritos de 1844<sup>8</sup>, que também parece ter sido útil para Tosquelles e Guattari, tanto como um operador clínico quanto como operador político. Lembremos, então, que Marx descreve aí a condição do trabalhador como a de um indivíduo completamente isolado e obscurecido na percepção que tem do processo produtivo do qual ele mesmo faz parte de maneira decisiva, uma vez que se produz nele um estranhamento (*Entfremdung*) e uma alienação (*Entäusserung*) desse processo. Trata-se, inicialmente, da experiência de um duplo estranhamento: um estranhamento de um ser humano em relação ao bem que ele mesmo produziu, uma vez que não se reconhece nesse bem, e também um estranhamento em relação a si mesmo como sujeito produtor. É nesse movimento que o trabalhador é alienado da sua própria natureza, não só da sua natureza de ser humano entendida como a de um produtor, mas também do caráter produtivo da própria natureza da qual ele faz parte como ser humano.

O que me parece, no entanto, é que a operação da análise institucional, tal como pensada e implementada por Tosquelles e depois por Guattari, tem como ponto de partida a percepção de que a alienação é produzida não apenas no trabalhador, mas em todo e qualquer indivíduo na sociedade capitalista. E mais do que isso, a própria concepção do indivíduo, ou seja, a construção sócio-histórica de um “eu” fechado em si mesmo, parece ser parte da produção de algo como uma instituição que é agente de alienação. Aqui, Guattari e Tosquelles se diferenciam de Marx, uma vez que esse propunha a desalienação do indivíduo, enquanto aqueles viam o próprio indivíduo não só como uma instância produzida, mas talvez também como uma instituição decisiva para a produção da alienação. É nesse sentido que, tanto para o francês quanto para o catalão, a análise institucional passa pela quebra do indivíduo, do eu fechado em uma suposta homogeneidade, uma vez que este, concebido dessa forma, teria uma função decisiva na determinação dos papéis institucionais de cada um. Esse *eu* determina as funções e hierarquias de cada instituição ao mesmo tempo em que é determinado por elas e, conseqüentemente, determina também os lugares de poder na máquina social capitalista. É o que acontece, por exemplo, nas relações entre médico e paciente, professor e aluno, dirigente de partido e massas a serem dirigidas, e assim por diante. O próprio fato de Guattari ter dito ser impossível ou enganoso diagnosticar a patologia psíquica em um indivíduo, indica que, para ele, o processo de análise institucional deve acontecer também como um processo de *desindividualização*, conceito sobre o qual nos deteremos mais adiante.

Observemos, então, que já se insinua aqui algo como uma *transversalidade*, mesmo que tomada ainda na literalidade do termo, visto que o indivíduo parece trazer algo de transversal às instituições, mas como o que arrisco chamar de “transversalidade do poder”. Isso é o que vimos com Tosquelles, que afirmava que o médico identificado aos ideais de vida individualistas pequeno-burgueses estaria impossibilitado de se

---

<sup>8</sup> MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010, p. 80. Embora a Boitempo tenha escolhido o título mais genérico “Manuscritos Econômico-filosóficos”, o mesmo texto é também chamado de “Manuscritos de 1844”, ou ainda “Manuscritos Parisienses”.

aprofundar nas questões da saúde mental propriamente ditas: é porque ele estaria fechado em um eu homogeneizado, empenhado em ser um indivíduo socialmente prestigiado, provavelmente um “pai de família” respeitado, que ele seria também um médico psiquiatra completamente comprometido com o exercício de suas funções. Esse médico ideal contribuiria para manter o hospital psiquiátrico, com seus pacientes “loucos” ali fechados, exatamente como fora pensado para a manutenção dessa ordem de coisas. Assim, a transversalidade pensada por Guattari está articulada com a desindividualização e se caracteriza como um fluxo que atravessa as instituições: para atravessar as instituições é preciso quebrar os “eus homogeneizados”.

Nos concentremos ainda um pouco mais sobre o tema da alienação e da análise institucional como uma operação de desalienação. Podemos observar que o próprio Marx abre as portas para pensarmos a primeira como um fenômeno que vai muito além de algo que aconteceria apenas dentro das fábricas, onde seria produzida diretamente na relação entre o maquinário e o corpo do trabalhador, como Charles Chaplin filmou magnificamente em *Tempos Modernos*.<sup>9</sup> Encontramos em Marx a possibilidade de pensar a alienação sendo produzida no *socius* capitalista de uma forma geral e em suas instituições. Vamos então a um outro texto seu, um determinado trecho dos *Grundrisse*, no qual o filósofo percebe a importância que a produção científica, tecnológica e artística vai ganhando na sociedade capitalista, fruto do que seria o que ele designa como uma espécie de *cérebro social* ou de um *general intellect*.<sup>10</sup> Nos parece que esse aspecto toca a Guattari em particular, dada a importante relação que o filósofo francês estabelece com os autonomistas italianos<sup>11</sup> que, a partir desse mesmo trecho do *Grundrisse* e desses conceitos, propõem o conceito de “trabalho social”.<sup>12</sup> O trabalho social seria exatamente aquele que estaria presente no maquinário de uma fábrica, maquinário que é designado por Marx como *capital constante*. Esse, por sua vez, ao mesmo tempo que só poderia existir graças ao desenvolvimento científico e tecnológico, alienaria o trabalhador desse desenvolvimento mesmo, visto que ele – o trabalhador como *capital variável* – estaria a todo tempo subsumido pela máquina. Nesse sentido, a ciência, e conseqüentemente o trabalho social, teriam uma função decisiva para que o Capital, na forma de capital constante, alienasse o trabalhador e dele extraísse lucro e mais-valia.

---

<sup>9</sup> *Tempos modernos*. Diretor: Charles Chaplin. Estados Unidos, 1936.

<sup>10</sup> MARX, Karl. *Grundrisse*. São Paulo: Editora Boitempo, 2013, p. 582.

<sup>11</sup> Movimento de esquerda nascido no coração das lutas operárias do norte de Itália do início dos anos 1960, quando ainda se autodenominavam “autonomia operária”, o operaísmo foi importante na transformação das formas de organização e ação dessas lutas, bem como na construção de um novo corpo teórico a partir de uma leitura heterodoxa de Marx, rompendo com a linha marxista hegemônica da Itália na época ligada ao PCI (Partido Comunista Italiano) e sob forte influência de Gramsci. Embora inicialmente o cientista político Mario Tronti fizesse parte desse grupo junto com o filósofo Antonio Negri, foi desse último, que assume uma crítica à forma-partido e propõe uma radicalização das formas autônomas de luta dos trabalhadores, que Guattari se tornou extremamente próximo. Foi das questões que apareceram no bojo dessas lutas, e da leitura do mesmo trecho do *Grundrisse* que estamos mencionando aqui, que Negri criou o conceito de *trabalhador social*.

<sup>12</sup> GUATTARI, Félix. “O Capital como integral das formações de Poder”. In: *A Revolução Molecular*. São Paulo: Ubu Editora, 2024, p. 72. Nesse texto, para se referir à tendência que Marx vê de aumento da importância da produção que se dá fora da fábrica, de onde então, principalmente, passaria a ser extraída a mais valia, Guattari se utiliza do termo *trabalho social médio*.

No entanto, o Capital só pode fazer essa operação capturando, ele mesmo, essa produção social, ou seja, ele precisa produzir mais-valia a partir dos agentes dessa produção social – cientistas, técnicos, artistas – no processo mesmo em que o capital constante, em permanente desenvolvimento, dispensaria de forma significativa o capital variável e demandaria cada vez mais essa produção fora da fábrica. Dito de outro modo, o capital demandaria cada vez mais a produção vinda daquilo que Marx chamou de *cérebro social* ou de *general intellect*, uma produção que segundo os autonomistas italianos era feita pelo *trabalhador social*<sup>13</sup>, submetendo cada vez mais a vida fora da fábrica e o que aí é produzido à lógica da produção de mais-valia. Existe, pois, toda uma criatividade social que é aí submetida, e essa sujeição acontece não apenas pela necessidade do capital de obter cada vez mais maquinário e tecnologia em geral para as fábricas, mas também pela demanda de intensificação do consumo do que é produzido nessas fábricas e, finalmente, para a obtenção de lucro e mais-valia diretamente do próprio trabalho social. É nesse último caso, inclusive, que o capital sujeita não apenas a produção científica e tecnológica, mas também a arte capturada como indústria cultural e entretenimento.

É importante observar como o trabalho social, ou seja, o trabalho intelectual, científico e artístico em geral, e não apenas o trabalhador como capital variável das indústrias, precisava se manter sujeito às necessidades do capital. No livro III d’*O Capital*, Marx descreve esse processo como uma das principais contradições do capitalismo: de um lado, o capital necessita de uma produção infinita e, de outro, é preciso que essa produção seja limitada à lógica de produção do lucro e da mais-valia. Assim, é num sentido operatório de si mesmo, e não apenas ideológico, que o Capital cria as suas instituições, especialmente a partir das transformações que impôs ao Estado. É também nessa lógica que as instituições de ciência, tecnologia e até de arte extraem de seus membros a melhor produção possível para o bom funcionamento da máquina social capitalista. Nesse mesmo movimento, elas produzem uma alienação da amplitude que esse processo produtivo poderia ter, tanto como parte da totalidade da produção (inclusive de poder) no *socius* capitalista, quanto como desenvolvimento social para muito além dos limites de produção de lucro e mais-valia.

Trata-se de uma estranha situação onde, por exemplo, as instituições produtoras de ciência alienam os seus próprios membros de toda uma série de possibilidades da própria ciência, numa operação não muito distinta do modo como o trabalhador era alienado da ciência e da tecnologia pelo maquinário da fábrica, que, por sua vez, só poderia existir graças a um *general intellect* fruto de um trabalho social comum que foi constituindo uma teia de saberes, pesquisas e inventos científicos, tecnológicos e artísticos, institucionalizados ou não. No entanto, a ideia da análise institucional, principalmente na forma como foi lida por Guattari, nos leva a pensar que, quando uma instituição aliena cada um de seus membros do conjunto da produção social, ela também

---

<sup>13</sup> LÖWY, Michel. *Antonio Negri* 1933, 2023. Disponível em: [https://blogdaboitempo.com.br/2024/01/11/toni-negri-1933-2023/-#:~:text=Toni Negri rejeita categoricamente o,toda a vida social urbana-negri-1933-2023/#:~:text=Toni%20Negri%20rejeita%20categoricamente%20o,toda%20a%20vida%20social%20urbana](https://blogdaboitempo.com.br/2024/01/11/toni-negri-1933-2023/-#:~:text=Toni%20Negri%20rejeita%20categoricamente%20o,toda%20a%20vida%20social%20urbana-negri-1933-2023/#:~:text=Toni%20Negri%20rejeita%20categoricamente%20o,toda%20a%20vida%20social%20urbana) Acesso em: 22/11/2024.

o aliena do lugar de poder que tanto essa instituição mesma quanto seus membros exercem. Isso reforça mais uma vez o que foi dito acima, a saber, que o próprio indivíduo – a experiência de se constituir como um indivíduo, digamos assim – é uma instância de alienação; formulação que não está em Marx, mas que, de uma forma ou de outra, está em Tosquelles e Guattari.

Evidentemente, a burguesia sabe, ou intui, de uma forma ou de outra, que o trabalho – no sentido de produção, criação e invenção – que acontece dentro das instituições, ou mesmo que vem de fora destas, sempre pode muito mais que a sua própria demanda de produção de lucro e mais-valia. Por isso, não raramente vemos sob ataque as instituições científicas e de ensino (as universidades, por exemplo) ou instituições ligadas à produção artística, numa clara operação de restrição de suas atividades às demandas do “mercado”, isto é, do Capital.

Mas aqui cabe uma observação importante: Tosquelles não tinha, de forma alguma, uma posição anti-instituição. O esquizoanalista e pesquisador Anderson Santos nos mostra que o catalão propunha transformar os hospitais psiquiátricos em “escolas de liberdade”, e nesse sentido se diferenciava do psiquiatra italiano Franco Basaglia, outro personagem chave da luta contra o modelo hegemônico de psiquiatria, que apontava para o fim dos hospitais psiquiátricos. De maneira diferente, o catalão queria transformar profundamente as características dessas instituições, inclusive, como sabemos, abrir as suas portas e muros, mas não encerrar o seu funcionamento.<sup>14</sup> Ainda segundo Santos, Tosquelles reivindicava o direito de exercer a psiquiatria e achava que eram, de fato, “antipsiquiatria” aqueles psiquiatras que trabalhavam em instituições que praticavam todo o tipo de violência manicomial e se omitiam diante delas. Ele achava que todos tinham capacidade de enlouquecer e que isso era uma forma do homem “manifestar sua humanidade”.<sup>15</sup> Nos parece então que as instituições deveriam ser, já falando mais próximo a Guattari, espaços de liberação de um fluxo produtivo ou, ainda segundo o francês, um fluxo esquizo como uma produção social que, em certa medida, seria capaz de produzir até algum tipo de saúde. Me parece que foi esse projeto que Guattari, junto com Jean Oury, levou adiante na clínica La Borde.

Mas se dissemos que Tosquelles não era contra as instituições, lembremos mais uma vez que o que nos interessa aqui é toda e qualquer instituição, e não apenas a de saúde mental. Nesse sentido, a análise institucional de uma maneira geral, tal como pensada e praticada por Guattari para diversas instituições, não é uma posição sistemática de destruição das instituições, embora possa sê-lo eventualmente no caso de uma instituição que seja pura expressão de poder em oposição à vida. O que deve ser destruído é o modo como esse poder é exercido no capitalismo, ou seja, a imposição, o controle e a sujeição da vida aos imperativos de produção – nesse caso, na verdade de reprodução – do Capital.

---

<sup>14</sup> SANTOS, Anderson. “Caminhar com François Tosquelles”. In: SANTOS, Anderson (org.). *François Tosquelles. Uma política da loucura e outros textos*. São Paulo. Ubu Editora, 2024, p. 26. Na verdade, o próprio Santos relativiza essa diferença quando afirma que, na prática, o trabalho que Basaglia liderava nas instituições das quais fazia parte era semelhante àquele que Tosquelles liderou em Saint-Alban.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

## Transversalidade

Antes de avançar nesse subtítulo, é preciso fazer uma lembrança sobre a proposta deste texto. Tanto agora, quando me detenho sobre a *transversalidade*, quanto antes, quando abordei a análise institucional, foi privilegiada a maneira como as coisas surgiram a partir de uma, ou de algumas, práticas. Busquei mostrar, inclusive, como algumas vezes estas já traziam latente o conceito, antes dele ser formulado e, portanto, não só foram decisivas para a formulação destes, como também os demandaram. Em todo caso, trarei um pouco mais adiante alguns pontos de um artigo em que Guattari definiu o conceito e a prática da transversalidade.

No trecho anterior mencionei o termo “transversalidade”, mas ainda não como a operação que Guattari propunha. Mesmo assim, foram as observações que ele fez sobre a impossibilidade e o caráter enganoso de se produzir diagnósticos sobre o indivíduo que me fez evocá-lo. Lembrando mais uma vez, articulamos o *eu homogêneo* em Tosquelles e o *indivíduo* em Guattari para encontrar esse último – o indivíduo – como uma espécie instituição por trás de outras instituições. Como vimos, será esse eu homogeneizado ao mesmo tempo como indivíduo e como “pai de família” que vai determinar seu aspecto alienado, fechado em si mesmo, em uma função específica na instituição da qual esse indivíduo faz parte, determinando nesse mesmo movimento a sua posição política perante a sociedade.

Sugiro pensarmos então, com Deleuze e Guattari, cada uma dessas instituições pelas quais passa um indivíduo como *segmentos*: a família, a escola, o tempo de serviço militar, a entrada no mundo do trabalho (seja numa empresa ou numa instituição de Estado) e assim por diante. Como dizem os dois autores no capítulo (ou *platô*) nove de *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia II*, todos nós somos *segmentarizados*.<sup>16</sup> Isso quer dizer que saímos de um segmento a outro em nossas vidas, não apenas numa história cronológica – de aluno na escola a trabalhador na empresa, como exemplificado – como também numa mesma época e até num mesmo dia. É o que acontece quando estamos, durante o dia, na empresa ou na instituição do Estado onde trabalhamos e, à noite, no espaço da família, em uma reunião de alguma instituição política ou mesmo em uma ocasião recreativa (por exemplo, um encontro com “amigos” em um clube) etc. A partir de Tosquelles e Guattari, sugiro então que o *indivíduo*, mesmo exercendo papéis aparentemente diferentes em cada um desses segmentos, atravessa todas essas instituições e pode alternar a sua função de explorado em uma instituição e explorador em outra. Como afirma Guattari, “de fato, como vimos, num mesmo dia, um mesmo indivíduo muda constantemente de papel: explorado na oficina ou no escritório, torna-se explorador na família, no casamento etc.”.<sup>17</sup> Em todo caso, é preciso considerar que existem posições onde, de uma instituição a outra, a posição subalterna predomina. É o

<sup>16</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. “1933 – Micropolítica e Segmentariedade”. In: *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia 2*. Volume 3. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 83.

<sup>17</sup> GUATTARI, Félix. “O Capital como integral das formações de poder”. In: *A Revolução Molecular*. São Paulo: Ubu Editora, 2024, p. 84.

caso do operário subalternizado na empresa, levado ao limite do sofrimento psíquico e então internado como paciente no hospital psiquiátrico, individualizado em sua suposta patologia tanto quanto era individualizado na empresa. Ou ainda a posição das mulheres trabalhadoras, que são subalternizadas na fábrica, na vida política, na família e assim por diante.

Aqui me ocorre um livro que Guattari e Deleuze tomam como decisivo para a filosofia política e a para a teoria do Estado e do *socius* que desenvolvem juntos: o romance *O Processo*<sup>18</sup>, de Franz Kafka, magnificamente adaptado para o cinema por Orson Welles em um filme homônimo.<sup>19</sup> Chamo a atenção, no entanto, para o fato de que não pretendo destacar o livro que Deleuze e Guattari escreveram juntos sobre o escritor tcheco, *Franz Kafka por uma literatura menor*; me refiro aqui, mais especificamente, ao platô nove do livro *Mil Platôs*, que acabamos de mencionar: *1933 - Micropolítica e Segmentariedade*. Nesse platô, Kafka é evocado para trazer novíssimos aspectos à filosofia política e às considerações sobre o Estado e as máquinas sociais que os dois autores haviam feito juntos oito anos antes no primeiro livro que traz como subtítulo *Capitalismo e esquizofrenia: O Anti-Édipo*.

No romance de Kafka, Joseph K, o personagem principal, é abordado ao amanhecer no quarto que aluga por alguns agentes do Estado com postura policial e, depois de algumas discussões onde aparecem também a proprietária do quarto e uma vizinha, é intimado em um processo. A partir daí ele vai atravessando uma série de instituições em busca de, aparentemente, compreender esse processo e dele se desembaraçar. Assim, visita uma gigantesca repartição pública para consultar um chefe por indicação de seu tio, vai a uma sessão num tribunal com uma audiência lotada e ruidosa, e segue atravessando uma série daquilo que, a partir do supracitado platô de Deleuze e Guattari poderíamos chamar de “segmentos” de poder. Esses segmentos se expressam nos setores da repartição pública, nos supostos conhecimentos do tio no Estado e na prima adolescente que o procura, no tribunal, na casa de um célebre advogado acamado e atendido por uma enfermeira, e até no ateliê de um pintor. Mas as instituições e seus segmentos de poder estão também na relação existente entre os agentes que o intimaram, que mais tarde K vai reencontrar fechados em um cubículo em um dos prédios públicos, onde dois deles espancam um terceiro por causa de uma acusação de traição desse último. O próprio protagonista é puxado para essa situação de intriga e violência, precisando escapar da claustrofóbica saleta para não ser espancado também. De forma semelhante, a relação entre a proprietária do quarto que ele aluga e seus inquilinos determinava desde o início um segmento de poder, o que fica claro quando ele retorna à casa e descobre que a senhoria tinha expulsado a sua vizinha de quarto por causa de um comportamento social supostamente inadequado e imoral para os valores da “família”.

Resumidamente, *O Processo* poderia ser descrito com o título do platô nove, *micropolítica e segmentariedade*; ou talvez na ordem inversa, *segmentariedade e micropolítica*, visto que vai nos conduzindo pelos segmentos de poder e nos mostrando as relações

<sup>18</sup> KAFKA, Franz. *O Processo*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

<sup>19</sup> *O Processo*. Diretor Orson Welles. França, Itália, Alemanha e Iugoslávia, 1962.

micropolíticas de cada um deles. Esses segmentos são, insistimos, as diversas instituições, ou segmentos de instituições que tendem a virar instituições – tal qual um departamento do Estado que ganha uma relativa autonomia –, incluindo os pontos de interseção e o modo como algumas instituições ressoam e rebatem umas sobre as outras.

Podemos arriscar dizer que também o percurso de Joseph K é transversal, ainda considerando o termo em sua literalidade. A questão é que esse movimento transversal de K se dá numa situação em que predomina a passividade. Apesar de o personagem mostrar por vezes certas tentativas mais ou menos desesperadas de resistir, predomina a impressão, ao longo do livro e do filme, de que ele está sendo arrastado de um lado para o outro. K parece ser levado como que por um fluxo, que passa pelos segmentos nas suas diversas possibilidades de entrada e saída e que também circula dentro de cada segmento por um tempo, se mantém submetido às suas lógicas de poder de uma maneira que é apenas provisoriamente estável, ou talvez metaestável.

Diante dessa afirmação, sugiro que Guattari, ao pensar a transversalidade, pensa uma operação em que poderíamos ter um papel ativo nesse fluxo. Mais que isso, nós ajudaríamos a engendrar-lo no interior das instituições, tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora delas. Sugiro, então, que a transversalidade funciona como uma ação política e clínica que deve atravessar as instituições, mas que está também relacionada à quebra do eu homogeneizado – do indivíduo – da qual falamos aqui. Segundo Guattari:

A modificação deve intervir ao nível de uma modificação estrutural do papel de cada um e de uma reorientação do conjunto. Enquanto as pessoas permanecem paralisadas em torno de si mesmas, elas não enxergam nada além de si mesmas.<sup>20</sup>

O filósofo francês recorre então à imagem de uma viseira de cavalo e o modo como esta limita a visão. Essa visão limitada seria exatamente aquela restrita ao lugar que é socialmente determinado para cada indivíduo numa instituição (a função alienada, como vimos). A ação da transversalidade teria então o efeito de mexer nessa viseira, abri-la a partir de uma força de fora desse lugar fechado. Ela seria uma operação sobre uma instituição que se oporia, em primeiro lugar, às funções hierárquicas que sustentam as verticalidades institucionais e, nesse sentido, ela se dirigiria aos postos de poder. Embora saibamos que Guattari propõe essa operação para qualquer instituição, se trata, na citação acima, do caso dos hospitais psiquiátricos: a transversalidade abre, de início, os lugares de poder dos diretores, médicos e enfermeiros. Mas ela deve se opor também, segundo o autor, a uma *horizontalidade* caracterizada como algo que tende a surgir no pátio da instituição, entre os pacientes, e que precisa também ser quebrada porque seria um empecilho para uma relação com aqueles nas funções hierarquicamente superiores que não fosse de mera passividade e sujeição.<sup>21</sup> Assim, a quebra de tal tipo de horizontalidade seria decisiva para produzir a transversalidade e, inclusive, fazê-la intervir na verticalidade do poder, produzindo uma outra relação médico-paciente, ou

---

<sup>20</sup> GUATTARI, Félix. *Psychanalyse e Transversalité*. Paris: La Découverte, 2003, p. 80.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 79.

professor-aluno, ou artista-público, ou dirigente político institucionalizado – ou mesmo um militante de organização – e um desejo político fora da militância institucional e hierarquizada.

Nos termos de Guattari, essa ruptura do lugar determinado de cada indivíduo nas instituições se dá pela dissolução do que ele chama, recorrendo a um conceito de Freud de maneira mais ou menos livre, de *conteúdos manifestos*.<sup>22</sup> E assim, ainda a partir do criador da psicanálise, Guattari afirma que uma ação de transversalidade seria capaz de fazer emergir conteúdos latentes, fazendo emergir um desejo socialmente reprimido da instituição; reprimido, inclusive, *por causa* da instituição. Essa seria uma operação de liberação das possibilidades produtivas do desejo através de um acesso ao inconsciente que permitiria liberar uma produção social. Aqui já nos parece que Guattari se distancia de Freud, visto que o acesso ao inconsciente depende da quebra da homogeneidade do Eu, do indivíduo fechado em si mesmo – o que nos parece ter sido tematizado com Deleuze em *O Anti-Édipo* como um dos pontos centrais do livro. De fato, não é a intenção deste texto explicar toda a crítica que Deleuze e Guattari constroem à teoria edípica de Freud<sup>23</sup>, e sim destacar o quanto esta se construiu e se fez necessária de uma maneira prática também nas experiências de Tosquelles, de Guattari e de Franz Fanon – que aqui acrescentamos também de maneira decisiva –, ex-aluno do psiquiatra catalão, colega na experiência do hospital de Saint-Alban, num companheirismo que se tornou amizade. O que nos interessa é que a teoria edípica representou, para Guattari e Deleuze, um processo de personalização do inconsciente, ou seja, de aprisionamento de toda a dimensão produtiva do desejo, de toda a potência das máquinas desejantes nessa estrutura e na individualização que ela promove, ainda que, segundo os dois franceses, a própria psicanálise tenha sido pioneira em descobrir essa potência:

A produção desejante é personalizada, ou melhor, personalizada, imaginizada, estruturalizada [...]. A produção vem a ser apenas produção de fantasmas, produção de expressão. O inconsciente deixa de ser o que é, fábrica, ateliê, para se tornar um teatro, cena e encenação. E nem sequer teatro de vanguarda, como já havia no tempo de Freud, mas um teatro clássico, uma ordem clássica de representação. O psicanalista torna-se o diretor de um teatro privado – em vez de ser o engenheiro ou o mecânico que monta unidades de produção.<sup>24</sup>

Dentro da trajetória trazida nesse texto, é como se Tosquelles, lá atrás, já tivesse intuído o caráter limitador de Édipo em relação ao desejo, o que Fanon afirmou de forma explícita e pioneira em *Pele negra, máscaras brancas*<sup>25</sup> (1952), vinte anos antes da obra dos dois franceses, se baseando na crítica da forma edípica do psicanalista francês Octave Mannoni. Em seu livro *A Psicologia da Colonização*<sup>26</sup>, Mannoni interpreta os sonhos de

---

<sup>22</sup> Ibidem, p. 76.

<sup>23</sup> Resumidamente, ela pode ser definida pela ideia de que a formação do sujeito aconteceria na relação Pai-Mãe-Filho, ou seja, no coração de uma estrutura familiar tipicamente pequeno burguesa.

<sup>24</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia 1*. São Paulo, Editora 34, 2010, p. 78.

<sup>25</sup> FANON, Franz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

<sup>26</sup> MANNONI, Octave. *Psychologie de la colonization*. Paris: Seuil, 1950, *apud* FANON, op. cit., p. 100.

alguns cidadãos e cidadãs de Madagascar que haviam sido violentamente reprimidos pelo exército colonial francês quando se rebelaram pela sua independência, exército esse que lançou mão de batalhões de soldados senegaleses para esse massacre. Vejamos dois trechos dessa primeira crítica à teoria edípica de Freud feita por Fanon, que acontece no bojo da crítica que ele faz à interpretação dos sonhos dos cidadãos que haviam sofrido essa repressão, feita por Mannoni:

Assim, sabendo de tudo isso, sabendo o que o arquétipo senegalês pode significar para um malgaxe, as descobertas de Freud não têm nenhuma utilidade para nós. É preciso situar esse sonho em seu tempo, e esse tempo é o período em que 80 mil nativos foram mortos, isto é, um a cada cinquenta habitantes.<sup>27</sup>

O touro negro furioso não é falo. Os dois homens negros não são os dois pais – um que representaria o pai real e outro, o ancestral (...). O fuzil do soldado senegalês não é um pênis, mas realmente um fuzil Lebel 1916. O boi negro e o bandido não são os *lolos*, ‘almas substanciais’, mas realmente a irrupção durante os sonhos de fantasmas reais.<sup>28</sup>

Nesse sentido, podemos dizer que o psiquiatra e psicanalista martinicano tem a primeira posição explicitamente anti-edípica da história e que é ganha tanto no coração de sua prática clínica quanto na sua atuação anticolonial, antirracista e anticapitalista: ação política e clínica reunidas em um mesmo movimento. Fanon opera, sem dúvida, uma interpretação dos sonhos e um acesso ao inconsciente que nos leva a produção social e histórica, nitidamente influenciada pelo uso de Marx na clínica, como fazia Tosquelles. Mas a relação com os sonhos como forma de tratamento do sofrimento psíquico e de liberação do desejo, como pleiteava Fanon, também passava por um rompimento de um eu fechado em si mesmo, o que se tornava nítido na crítica dura que o martinicano fazia à forma como Mannoni mesclava o uso da teoria edípica de Freud e os arquétipos supostamente baseados na cultura local, especialmente na mitologia, para produzir uma naturalização falaciosa do lugar subalterno da população malgaxe aos colonizadores brancos europeus.

### **O molar e o molecular. Considerações finais.**

O leitor que teve fôlego para chegar até aqui, talvez ainda se lembre que o evento para o qual fui convidado, e me fez escrever uma versão inicial e parcial deste texto, foi o do lançamento de uma nova edição do livro *A Revolução Molecular*, de Guattari. A essa altura, então, deve estar se perguntando por que o conceito de *molecular* ainda não apareceu. Arrisco dizer que ele vai se preparando, se insinuando, nas trajetórias das práxis que descrevemos aqui. De alguma maneira, creio que Tosquelles já percebe algo do que os dois autores franceses vão escrever no início da década de 1970 e que as questões e demandas de sua prática ajudam a levar o conceito de molecular. Vejamos

---

<sup>27</sup> FANON, Op. cit., p. 117.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 120.

umas das primeiras vezes que uma definição do par conceitual molar e molecular aparecem em *O Anti-Édipo*:

[...] ultrapassam-se os grandes conjuntos, inclusive a família, em direção aos elementos moleculares que formam as peças e engrenagens das máquinas desejanter. Procura-se o modo como estas máquinas desejanter *funcionam*, como elas investem e subdeterminam as máquinas sociais que elas constituem em grande escala. Atinge-se então as regiões de um inconsciente produtivo, molecular, micrológico ou microfísico, que nada quer dizer e nada representa.<sup>29</sup>

[...] o verdadeiro inconsciente está, ao contrário, no desejo de grupo, que põe em jogo a ordem molecular das máquinas desejanter. É aí que está o problema, entre os desejos inconscientes de grupo e os interesses pré-conscientes de classe.<sup>30</sup>

De fato, não poderíamos dizer que Tosquelles percebeu a necessidade de “ultrapassar os grandes conjuntos” desde quando se deparou, ainda na Catalunha e no contexto da Guerra Civil Espanhola, com os hospitais psiquiátricos, seus profissionais e seus pacientes? São esses grandes conjuntos que são identificados ao nível molar, que sujeita o molecular. Eles são concebidos a partir de uma unidade de medida que Deleuze e Guattari tomam da química e que interessa a eles exatamente por ser uma operação de reunir a multiplicidade em uma unidade. Essa unidade, por sua vez, é construída a partir de um processo de quantificação que sujeita a multiplicidade a grandes padrões, e por isso Deleuze e Guattari a designam como “estatística” no âmbito da filosofia política. É por isso que o conceito de molar é especialmente apropriado para designar uma operação de poder típica do Capital: a de reduzir o Real a grandes quantidades abstratas que serão convertidas em moeda.

Lembremos, então, que o próprio eu homogeneizado é identificado por Tosquelles como um conjunto que ele propõe que seja quebrado como parte imprescindível do processo de psicoterapia institucional na forma como ele o concebe. Quer dizer, o catalão não só percebia que esta operação era impreterível para se acessar as origens do sofrimento psíquico como via também o próprio eu homogeneizado atuando na gênese desse sofrimento, particularmente porque ele seria decisivo para a determinação das funções sociais, sobretudo as de poder, em cada uma das instituições. Quebrar o eu homogeneizado era, então, uma operação decisiva da análise institucional para liberar um movimento criativo em uma instituição. No caso do hospital psiquiátrico (sobre o qual Tosquelles se detém), a loucura, antes patologizada e socialmente discriminada, seria positivamente potencializada para criar o que ele chamava de “escolas de liberdade”.

Digamos, então, que aquilo que Tosquelles fazia era a liberação das moléculas que se encontravam aí submetidas no eu fechado em si mesmo ou, mais do que isso, que o psiquiatra encontrava nas disfunções de comportamento, incluindo as de linguagem, o que desse eu sobrava ou excedia. Esse excesso era aquilo que não se submetia ao eu

<sup>29</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia 1*. Op. cit., p. 242.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 340.

enquanto grande conjunto molar, que vem a ser, por sua vez, o conjunto das características designadas como “personalidade” e/ou das funções sociais que constituem um “indivíduo”. Dito de outra forma: o indivíduo como um “grande conjunto molar”, uma instituição tal qual a família. Aqui, finalmente, voltamos ao conceito de *desindividuação* (que pode também ser designado pela ação de *desindividualizar*) mencionado por Foucault em seu prefácio de 1977 à edição estadunidense de *O Anti-Édipo*:

Não exija da ação política que ela restabeleça os “direitos” do indivíduo, tal como a filosofia os definiu. O indivíduo é o produto do poder. O que é preciso é “desindividualizar” pela multiplicação, o deslocamento e os diversos agenciamentos. O grupo não deve ser o laço orgânico que une os indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de “desindividualização”.<sup>31</sup>

Não seria isso que Tosquelles e Guattari estavam fazendo desde o início: “desindividualizar”? Sabemos que Tosquelles estava ainda longe de cunhar os conceitos de molar e molecular, mas, dentro do olhar a contrapelo que pretendi usar nesse texto, pode-se dizer que ele já percebia o desejo como algo que se refere diretamente ao *socius*, que circula e se dá diretamente nele e com ele. Nesse sentido, a desindividualização com que Tosquelles trabalhava, antes de Foucault pensar esse conceito para se referir a uma operação que leu em *O Anti-Édipo*, era uma espécie de liberação molecular. A sua psicoterapia institucional, e depois a análise institucional de Guattari – tão importante para as formulações que ele vai desenvolver depois com Deleuze –, foi sem dúvida a instauração de uma ação clínica e política ao nível molecular, uma micropolítica. O “micro”, nesse sentido, não designa o nível molecular como algo restrito a uma espacialidade ou a um universo social reduzido, e sim a capacidade que uma ação política – ou clínica, ou clínico-política – tem de atravessar as instituições e os diversos segmentos de uma máquina social, desmontando e embaralhando as suas estruturas molares, captando nos grandes conjuntos as moléculas que se recusaram a se submeter ou que estavam submetidas e despotencializadas em suas possibilidades. As práticas de Tosquelles, aliadas às suas leituras de Marx implicadas em Freud e vice-versa, parecem tê-lo ajudado a perceber a materialidade imediata do desejo. Ao mesmo tempo, a origem pulsional desse desejo daria a ele a dimensão de matéria intensa, nunca igual a si mesma, que se efetiva a partir daquilo que Lacan chamou de *Real*, e que Deleuze e Guattari designam, a partir de Artaud, de *Corpo Sem Órgãos*. Nesse sentido, uma ação molecular é aquela que provoca e se abre a essa intensidade da matéria.

De fato, em *O Anti-Édipo* os dois autores franceses não hesitam em articular a libido ao que os gregos chamavam de *hylé*<sup>32</sup>, termo em geral traduzido por *matéria*. É por isso que faz todo o sentido buscar na química, um campo de conhecimento que estuda

<sup>31</sup> FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994. O texto de Foucault do qual extraímos esse trecho, *O Anti-Édipo: Introdução a uma vida não fascista*, foi republicado posteriormente no terceiro volume da reunião de escritos de Foucault, intitulada *Ditos e Escritos*.

<sup>32</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia 1*. Op. cit. p. 54.

as propriedades da matéria, os conceitos de molar e molecular. Tanto Tosquelles quanto Guattari, ambos influenciando Deleuze, perceberam que os disfuncionamentos, as falhas, os sofrimentos manifestados eram, ou pelo menos poderiam ser em determinadas condições, não apenas os sintomas de uma máquina social que causa sofrimento psíquico, mas também a possibilidade latente de produção de outras possibilidades e formas de vida. Nesse sentido, a transversalidade pensada por Guattari nos parece claramente um movimento de fazer atravessar um fluxo molecular nas instituições, quebrando as suas estruturas hierárquicas, liberando e reunindo as moléculas que restam e excedem, reagrupando-as de forma produtiva. É como se todas as instituições pudessem ser, de uma forma ou de outra, as escolas de liberdade que Tosquelles imaginou para os hospitais psiquiátricos como novas instituições de potencialização vital da “loucura” ou, como vai dizer Guattari junto com Deleuze, de liberação da dimensão produtiva do desejo.

A esta altura é interessante perceber que acabei por me referir às instituições de saúde mental bem mais do que o planejado no início do texto, posto que a intenção era ver como uma prática surgida nos hospitais psiquiátricos deveria ser trazida para tantas outras instituições políticas, jurídicas, artísticas e sociais de uma maneira geral. Certamente não é por acaso que uma crítica e uma prática como a análise institucional, que se pretende disseminar socialmente, tenha surgido em instituições de saúde mental. Essa observação, que agora parece inevitável, deve ser deixada como uma indicação da possibilidade de estudos futuros. Tosquelles e toda uma linhagem que ele inaugura, passando de forma decisiva por Fanon, percebe que a produção de sofrimento psíquico e de adoecimento é uma operação chave da máquina social capitalista. Como nos mostraram Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo*, o capitalismo só pode existir graças a uma intensificação dos fluxos do desejo, mas ao mesmo tempo precisa ter uma estratégia para conjugar esses fluxos ao capital e não deixá-los escapar às funções sociais determinadas de um *socius* capitalista. O capitalismo reduz tudo e todos à necessidade de produção de lucro e mais-valia, portanto, a uma forma de valoração quantitativa: a forma-mercadoria, as quantidades abstratas em forma de moeda. Uma dinâmica intensa de fluxos do desejo é decisiva para o Capital e, no entanto, são esses fluxos que mais o ameaçam. Desse ponto de vista, os fluxos de desejo devem ser reprimidos e destruídos se não puderem ser transformados em lucro e mais valia.

O caso extremo a que essa violência pode chegar no limite da expansão incessante e infinita do Capital, qual seja, o colonialismo e com ele o racismo e a sujeição de corpos e mentes à exaustão (até chegar ao ponto do extermínio), foi inventariado por Fanon em *Pele negra, máscaras brancas*. Mais uma vez, não é por um acaso que aquela que seja talvez a mais veemente obra de desconstrução e denúncia do colonialismo e do racismo seja uma obra escrita por um psiquiatra e psicanalista, que foi um transformador radical tanto da psiquiatria quanto da psicanálise em sua prática e em sua vida de homem negro no coração das instituições da metrópole colonial. As razões disso são, de uma só vez, clínicas e políticas. A essa linhagem que vem de Tosquelles, que passa por Fanon e chega a Guattari, talvez seja o caso de acrescentar o psicanalista alemão Wilhelm Reich, ainda que ele não se articule diretamente com todos esses autores. Reich percebera que a

ideologia não só produzia um obscurecimento das mentes, produzindo ilusão e engano nos seres humanos, como também era capaz de alterar as estruturas psíquicas.<sup>33</sup>

Trazendo até nós essa linhagem, creio que chegaremos impreterivelmente às obras de Paul Preciado como *Testo Junkie*<sup>34</sup> e *Dysphoria Mundi*<sup>35</sup>, com sua afirmação de que “o capitalismo nos adicta”, isto é, nos agencia de uma forma servil a uma dinâmica de intensificação de fluxos que, no lugar de ser uma liberação das possibilidades do desejo, nos adoce e nos causa sofrimento. Seria exatamente daí que se extrairia a mais-valia hoje, num capitalismo denominado, ainda segundo o autor, de *farmacopornográfico*. Partindo de Tosquelles, chegando até Preciado, passando por Fanon e Guattari, podemos ver a produção de um sofrimento psíquico e físico e, a partir deste e no coração deste, a produção de um controle social e de um processo de extração de lucro e mais-valia como características-chaves do capitalismo – eis o programa possível de um novo texto, fruto da percepção de que a questão política está cada vez mais impregnada por um problema clínico e implicada na busca de uma espécie de saúde.

### Referências Bibliográficas

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2* (vol. 3). São Paulo: Editora 34, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia 1*. São Paulo, Editora 34, 2010.
- FANON, Franz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994.
- GUATTARI, Félix. *A Revolução Molecular*. São Paulo: Ubu Editora, 2024.
- GUATTARI, Félix. *Psychanalyse e Transversalidade*. Paris: La Découverte, 2003.
- KAFKA, Franz. *O Processo*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- LE MOS, Frederico. *Desejo de repressão e paixão de abolição: O problema do fascismo em Deleuze e Guattari*. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em filosofia da UFF, 2024.
- LÖWY, Michel. *Antonio Negri 1933, 2023*. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2024/01/11/toni-negri-1933-2023/#:~:text=Toni%20Negri%20rejeita%20categoricamente%20o,toda%20a%20vida%20social%20urbana>. Acesso em: 22/11/2024.
- MARX, Karl. *Grundrisse*. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

<sup>33</sup> O psicanalista austríaco afirmava que a ideologia agia para “inserir esse processo econômico nas estruturas psíquicas dos seres humanos dessa sociedade”, referindo-se ao capitalismo. WILHELM, Reich. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 17. Cf. LEMOS, Frederico. *Desejo de repressão e paixão de abolição*, 2024.

<sup>34</sup> PRECIADO, Paul. *Texto Junkie*. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2023.

<sup>35</sup> PRECIADO, Paul. *Dysphoria Mundi*, O som do mundo desmoronando. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 2023.

- 
- SANTOS, Anderson. "Caminhar com François Tosquelles". In: SANTOS, Anderson (org.). *François Tosquelles. Uma política da loucura e outros textos*. São Paulo: Ubu Editora, 2024.
- O Processo. Direção: Orson Welles. França, Itália, Alemanha e Iugoslávia, 1962.
- PRECIADO, Paul. *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2023.
- PRECIADO, Paul. *Dysphoria Mundi: o som do mundo desmoronando*. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 2023.
- TEMPOS Modernos. Direção: Charles Chaplin. Estados Unidos, 1936.
- TOSQUELLES, Francisc. "Uma Política da Loucura". In: SANTOS, Anderson (org.). *Uma política da loucura e outros textos*. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

---

Recebido / Received: 19/10/2024  
Aprovado / Approved: 11/12/2024